

# ERA DIGITAL E SEUS IMPACTOS: VISITAR, OU NÃO, O ARQUIVO PÚBLICO?

**Hercules Pimenta dos Santos**

Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação,  
DOTI – Departamento de Organização e Tratamento da Informação  
e-mail: herculesantossantos.ufmg@gmail.com

**Resumo:** A presente pesquisa é fruto de um estudo interdisciplinar que buscou elucidar impactos encontrados no processo de consulta e organização do documento arquivístico de idade permanente, digitalizado. Os processos de estudo na Espanha, como aplicados no Brasil, objetivaram a busca de contrastes e aproximações em relação aos procedimentos entre as duas tradições acadêmicas. Com fins exploratórios, colhemos depoimentos de arquivistas, documentalistas e historiadores, brasileiros e espanhóis. Os profissionais entrevistados foram definidos de forma intencional. Dos resultados obtidos, nos permitiu inferir que, de forma controversa, os benefícios aferidos com os acervos virtualizados podem impactar com perdas pedagógicas na ausência da experiência de se ir ao arquivo. A virtualização dos acervos permanentes dos Arquivos, com sua disponibilização remota por meio da Internet, pode acarretar em um esvaziamento dos Arquivos físicos. A opção de os historiadores / pesquisadores deixarem de ir aos arquivos físicos para suas pesquisas poderá ocasionar em limites metodológicos para suas investigações, além de um menor destino de verbas para tais instituições, em função da redução significativa do fluxo de consultas presenciais.

**Palavras-chave:** Pesquisa Histórica. Arquivologia. Arquivos Permanentes. Digitalização de Acervos.



## 1 INTRODUÇÃO

O presente texto deriva da pesquisa de doutorado concluída no ano de 2018: Impactos provenientes da Redocumentarização de acervos permanentes na pesquisa histórica. Naquela, empreendemos uma captação empírica de dados em conjunto com um aprofundado estudo teórico reflexivo, como forma de apoiar a identificação de impactos do processo de virtualização do documento de arquivo, especificamente o de idade permanente, no fazer historiográfico e na prática arquivística. Foram realizadas entrevistas com arquivistas, documentalistas e historiadores no Brasil e na Espanha. Os processos de estudo, entrevistas e observação na Espanha objetivaram a busca de contrastes e aproximações em relação aos processos entre as duas tradições acadêmicas. Optamos por conhecer experiências fora do Brasil, a partir do conhecimento de que na Europa os estudos de Documentação são fortes em alguns países, sobretudo na Espanha, congregando as ciências documentais.

No Brasil, os convites e as entrevistas ocorreram de forma presencial entre janeiro e setembro de 2016 na Universidade Federal de Minas Gerais: Escola de Ciência da Informação e Programa de Pós-graduação em História. Em relação aos entrevistados espanhóis, também de forma presencial, as entrevistas foram realizadas no período de maio a julho de 2017 na cidade de Madrid, na

Espanha, com pesquisadores da Universidade Complutense de Madrid: Faculdade de Ciências da Documentação e Faculdade de Geografia e História<sup>1</sup>.

O total de 26 entrevistados foi composto por 13 no Brasil e 13 na Espanha. Os entrevistados foram diferenciados por uma numeração crescente, com distinção de abreviaturas. Uma estratégia que teve o objetivo de garantir o anonimato dos investigados, utilizando as letras antes dos números, informando a qual grupo pertence o entrevistado: AB00, HB00, DE00 e HE00<sup>2</sup>.

Obtivemos um estudo interdisciplinar que buscou elucidar impactos encontrados no processo de consulta e organização do documento arquivístico de idade permanente, digitalizado. Procuramos analisar formas de organização desta tipologia documental desenvolvidas na Espanha, em relação às unidades de informação brasileiras. Buscamos confirmar, com a pesquisa, que os acervos digitalizados trouxeram novos significados para a organização documental arquivística e o acesso a esta.

Da pesquisa de doutorado emanou, dentre outros diversos temas, que o processo de digitalização de acervos permanentes acarreta em uma mudança significativa na frequência de ida aos arquivos. A virtualização dos acervos permanentes dos Arquivos, com sua disponibilização remota por meio da Internet, pode desencadear um esvaziamento dos Arquivos físicos impactando de algumas formas na instituição e nas narrativas históricas. Assim, das categorias de análise que emanaram do desenvolvimento da pesquisa de doutorado, consideramos de grande importância fazer uma reflexão em relação a que os impactos por nós investigados, apesar de apresentarem grandes benefícios, incidem de outras maneiras, também, na própria instituição arquivística.

## 2 ARQUIVOS: DEFINIÇÕES E FUNÇÕES

Uma Instituição de Arquivo compreende um local de preservação de um conjunto de documentos produzidos ou acumulados por instituições de caráter público ou privado, podendo ser feito, também, por pessoas físicas no exercício de suas atividades (BRASIL, 1991). Tais documentos podem estar materializados em qualquer suporte. Dependendo da natureza institucional que os gerou, os arquivos serão classificados em públicos ou privados. Nosso foco, na presente pesquisa, versou prioritariamente sobre os arquivos públicos.

Os arquivos públicos guardam, organizam e administram conjuntos de documentos produzidos no exercício das atividades dos órgãos públicos de âmbito federal, estadual, municipal e do Distrito Federal, decorrentes das funções administrativas, legislativas e judiciárias. Ainda, são

---

<sup>1</sup> Grupos de pesquisa: *Grupo de investigación figuración, representación e imágenes de la arquitectura del siglo XVIII al XXI; Historia de la cultura impresa en España; Proyecto S U+M A [universidad+museo]: historia del arte, educación y museos e Fuentes literarias para la historia de las mujeres en España.*

<sup>2</sup> As letras AB, das siglas, significa “Arquivista Brasileiro” e as letras DE “Documentalista Espanhol”. As letras HB, das siglas, significam “Historiador Brasileiro” e HE “Historiador Espanhol”.

considerados públicos os conjuntos de documentos produzidos por instituições privadas encarregadas da gestão de serviços públicos. Arquivos públicos compreendem também as instituições arquivísticas governamentais encarregadas do recolhimento, gestão, preservação permanente e disponibilização de acesso aos documentos que foram produzidos pelo poder público (ARQUIVO NACIONAL, s/d.).

Os documentos de arquivo são produzidos por uma entidade pública ou privada, por uma família ou pessoa, no transcurso da função que justifica sua existência como tal, conservando relações orgânicas entre si. Surgem, pois, por motivos funcionais, pessoais, administrativos e legais. Tratam, sobretudo, de provar ou de testemunhar alguma ação ou fato. Outras duas características inerentes ao documento arquivístico são o conteúdo ou a informação que se deseja transmitir e registrar, e a forma escolhida para tais finalidades.

Paes (2007) afirma ser, como a função básica dos arquivos, a de disponibilizar a informação contida em seu acervo documental, independentemente da idade do arquivo, ou seja, dentro do seu ciclo vital que compreende os momentos corrente, intermediário e permanente. A autora se apoia nas funções arquivísticas preconizadas por Rousseau e Couture (1998), as quais compreendem a execução de sete funções definidas por esses autores: “criação (produção), aquisição, conservação, classificação, avaliação, descrição e difusão” (ROUSSEAU; COUTURE, 1998, p. 265). Para que o sistema de arquivos atinja a sua função principal, torna-se primordial aplicar tais funções, com as quais será possível, portanto, disponibilizar e dar acesso às informações contidas nos acervos arquivísticos.

A respeito da qualidade técnica no âmbito dos arquivos, Soares (2012) faz uma análise a partir dos esquemas apresentados por Johns (1999), Nickels e Wood (1999), e, Fitzsimmons e Fitzsimmons (2010) que dissertam a respeito do conceito de Serviços. Soares (2012) define que essa qualidade corresponderia às atividades de gerenciamento da informação arquivística ou ao processo que envolve o controle da aquisição e da produção documental até a sua destinação final. Além disso, uma qualidade funcional corresponderia a como o serviço é prestado ou como é disponibilizado ao usuário da informação. Portanto, qualidade técnica seria tão importante quanto qualidade funcional, uma vez que a maneira como o usuário recebe o serviço pode determinar a sua valorização. Dessa forma, seria a qualidade técnica em conjunto com a qualidade funcional as definidoras da imagem de um serviço de arquivo.

Jardim (2003, p. 40) compreende que os arquivos podem ser tomados como “mais que a soma de um determinado número de programas de trabalho, sistemas e serviços”. Resultando de conceitos, funções e necessidades formadoras da sua existência, eles envolvem um conjunto de valores políticos que são parâmetros balizadores de sua formulação e execução. Os arquivos e seus serviços englobariam um conjunto de ações direcionadas para uma finalidade específica: serviços

ao cidadão e à administração. A informação, proveniente do arquivo, está condicionada a sua apresentação física, materializada pelo suporte que a contém, o documento de arquivo, sobretudo perceptiva e passiva de ser apropriada como um agente transformador do conhecimento, por representar ações e ocorrências dentro de contextos bem definidos.

A informação, para a Arquivologia, apresenta-se por meio de um suporte que lhe forneça acesso, como um veículo que a faça chegar ao interessado. Esse veículo pode se tratar de papel, um CD-ROM, a voz humana transformada em *bits* de dados ou alocada em outros formatos como os analógicos, além de muitos outros. Os sistemas de arquivos gerenciam a informação de forma a garantir-lhe o acesso e a preservação. Um sistema de arquivos pode integrar diferentes funções e operações, gerando serviços de informação. Para que esse processo ofereça serviços relevantes, a organização do seu sistema precisa partir de objetivos bem definidos, métodos específicos e funções administrativas. Portanto, os arquivos são unidades que tratam documentos de uma forma científica, a fim de constituir peças metodicamente gerenciáveis de documentos que os homens produziram e produzem. Como descreve Alonso (1981), o arquivo que contém todo o processo de organização de um conjunto documental é a unidade máxima. Uma série, que é o conjunto de documentos provenientes de uma mesma atividade, constitui uma unidade média. O documento simples, indivisível, é a menor unidade.

### **3 A IMPORTÂNCIA DE SE ESTAR PRESENTE NOS ARQUIVOS: CONSIDERAÇÕES DE ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, BRASILEIROS E ESPANHÓIS**

Valorizando, acertadamente o trabalho desenvolvido pelo profissional de arquivo, temos as respostas dos entrevistados espanhóis DE02 e DE03<sup>3</sup>. Para o primeiro, é importante ir ao arquivo porque um arquivista sempre será o melhor intermediário e será aquele que ensinará a buscar pela informação, afinal ele é o profissional que organiza a informação, além de conhecer os tipos de documentos e suas funções. Para DE03, é importante ir ao Arquivo pessoalmente “quando quisermos examinar o material, ou quando precisarmos, por exemplo, falar com os arquivistas para saber um pouco mais sobre a relação entre documentações [...] Quando seja necessário buscar por outras opções dentro de sua pesquisa”. Ainda, “para comprovar erros, pois quando temos documentos digitalizados é frequente que falte uma página, que possa ficar uma página dobrada, que não se consiga ver com perfeição as informações do documento” (DE03).

Do mesmo modo, em alguns aspectos, a resposta de DE06 se aproxima à de DE03. O primeiro relatou que a digitalização mudou bastante, muitos arquivos – pensando no arquivo de Sevilha, que começou a se digitalizar nos anos 1990 – digitalizaram com ferramentas menos

---

<sup>3</sup> As respostas das entrevistas realizadas com os profissionais espanhóis foram traduzidas para o português pelo autor do presente trabalho, adotando em alguns momentos a interpretação livre e em outros a literal.

eficientes do que temos hoje, o que levou a ter de se realizarem novas digitalizações. Assim, para DE06, ir ao arquivo físico é importante “quando se necessite analisar o original ou quando o original não esteja digitalizado ou a digitalização não foi bem-feita. Posso necessitar, por exemplo, comprovar se uma carta existe de verdade, se não houve manipulação nesse documento e não ter dúvidas sobre a sua autoria”.

AB01, profissional da arquivologia brasileiro, opina que sempre será necessário ir presencialmente aos acervos. Principalmente, quando se depende de uma pesquisa mais minuciosa, como aquelas que focarão a materialidade do documento. Mesmo contando hoje com a vantagem que os acervos digitalizados oferecem, “nunca será a mesma coisa que ter o contato com o documento original”. Com uma resposta que também valoriza a importância da consulta ao original, DE01 ponderou a respeito das possibilidades de não se necessitar ir ao arquivo, além de considerar que cada vez menos iremos a ele: “para quem necessita investigar o suporte da informação em si mesmo, como parte de sua pesquisa, terá a necessidade, sempre, de ir ao arquivo, principalmente os que estão interessados no documento em si”. Mas “creio que os que estão interessados no conteúdo do documento gradativamente deixarão de ir aos arquivos físicos [...] Isso será mais simples, talvez optem pela ida ao arquivo por alguma questão mais de vocação, não tanto por necessidade” (DE01).

Da mesma forma que DE01 compreende que os pesquisadores “interessados [somente] no conteúdo do documento cada vez mais deixarão de ir aos arquivos físicos”, encontramos DE07: “o que é certo é que a visita ao Arquivo Histórico será gradualmente reduzida à medida que os projetos de digitalização progredam. No entanto, é necessário notar que, de acordo com os fundos e o financiamento disponível, essa é uma tarefa de longo prazo”. Para DE07, o “Arquivo Digital” permite economizar tempo precioso, evitando viagens desnecessárias ao arquivo: “a consulta ao arquivo físico ocorrerá quando o fundo ao qual se pretende acessar não esteja digitalizado ou, devido à natureza do estudo, uma análise da mídia e dos materiais em que o documento se materializou será necessária, mesmo que o documento exista virtualmente”.

AB02 afirma que do ponto de vista da operacionalidade, de não se precisar ir ao arquivo, temos algo positivo e importante, pois flexibiliza o acesso. Mas, “isso não retira e não deve retirar a possibilidade ou a capacidade de as pessoas irem ao arquivo para tomar posse, do ponto de vista da concretude, do documento”. Como DE07, o entrevistado AB02 lembrou que existem documentos que não estarão disponíveis no virtual, algo condicionado pelos limites atuais da digitalização dos acervos dos arquivos públicos. Além disso, “as pessoas precisam ter a noção exata do que é o arquivo, pois uma coisa é ver na tela do computador um documento do ano 1500, outra, é vê-lo pessoalmente [...] Acredito que isso nenhuma tecnologia sobrepõe”.

O contato físico com o documento, como citado por AB02, proporciona a oportunidade de verificar elementos da cultura material típica daquele momento, e ter acesso não apenas a uma

descrição de um texto. O pesquisador terá a oportunidade de um contato mais íntimo com a história dos homens que produziram tal objeto. Algo como conhecer as formas de resolver dificuldades com as quais aqueles sujeitos foram confrontados em seus momentos históricos. E, nessa linha de defesa, assim como apontando fatores similares aos de AB02, foi formulada a resposta de DE05, “*La cultura del archivo no podemos perder*”:

[Devemos ir aos arquivos presencialmente] nos casos em que a imagem digital não é suficiente para realizar a pesquisa e a busca dos seus objetivos. Acredito que é necessário consultar o documento original, além do que muitas fontes não estão acessíveis via digital. Existem muitos arquivos que não possuem meios de digitalização por escassez de recursos financeiros e profissionais. A maneira de se fornecer recursos a esses arquivos é a demanda de usuários que queiram consultá-los. Acredito que não devemos pensar que o acesso digital leva a eliminar o acesso presencial nos arquivos. Deve complementar. Acredito que a digitalização deve colaborar para potencializar a cultura do arquivo, o qual ainda tem sido um grande desconhecido para a maioria da população (DE05).

O entrevistado AB02 alertou para a questão educativa, pois “ao se privilegiar a celeridade das coisas, a gente acha que tudo pode ser descartável”. A preocupação de AB02, nesse momento, foi com que, ao se saber que contamos com possibilidades tecnológicas, permitindo uma operacionalidade para respostas rápidas às demandas de menor tempo, crescentemente desenvolvemos o desejo de realizarmos nossas tarefas mais rapidamente. O que concordamos profundamente, pois essa “celeridade” não pode invalidar nem sobrepor a necessidade de ir ao documento em seu local de organização e percebê-lo a partir da forma pela qual foi organizado. São memórias importantes, inclusive para o pesquisador apreender melhor o que está colocando como questões fundamentais na sua pesquisa.

AB03, em consonância com nossas preocupações, defende que o historiador deve ir à instituição de guarda para conhecer como o documento está sendo guardado, tratado e organizado, buscando compreender a sua origem. Esse entrevistado infere que há grandes dificuldades de as instituições contratarem um historiador, presença que “ajudaria muito pelo fato de considerar que esse profissional sabe melhor qual é a demanda do pesquisador que estará interessado na materialidade e conteúdo documental”. Assim sendo, “concordo que apesar da possibilidade do acesso virtual, em determinados momentos, o pesquisador vai precisar, sim, ir até o acervo para ter contato com o documento físico” (AB03).

Segundo AB04, “nós precisaremos ir ao arquivo físico. A meu ver, esse hábito não pode desaparecer. Porque a grande distinção que deve se afirmar entre uma especialização, um mestrado e um doutorado deve ser, justamente, o aprofundamento da pesquisa documental”. De tal modo, para esse entrevistado, o historiador mais experiente deve e necessita ir ao arquivo para identificar novas fontes, outras tipologias documentais, documentos que são correlatos e que poderão ajudar a explorar o seu objeto de pesquisa. E é de maneira similar à de AB04 que pensa DE04: “não necessariamente os arquivos têm de desaparecer. Como os livros: desaparecerão os livros? Não.

Temos de nos adaptarmos às situações”. O pesquisador espanhol entende que dependerá da profundidade metodológica com a qual o pesquisador faz seu trabalho e como pretende se aproximar do tema de pesquisa. Com isso, “muitas vezes, [o pesquisador] necessitará se aproximar do documento original que está no arquivo, porque de outra maneira, ou virtualmente, não conseguirá identificar bem o que necessita nessa documentação” (DE04).

Do mesmo modo, AB05 relatou ser importante ir ao arquivo. O que poderá acontecer é que o historiador cada vez menos carecerá de ir ao arquivo, “mas dependendo da fonte demandada o historiador terá de ir ao arquivo, e um dos motivos é o fato de que nem todas as fontes estão digitalizadas”. Concordando com o entrevistado, adicionamos o fato de que os documentos não disponibilizados virtualmente poderão passar a ser menos consultados.

Para o entrevistado DE06<sup>4</sup>, além dos elementos concretos que envolvem o processo de digitalização, existe um outro problema em relação aos arquivos físicos: “os jovens pesquisadores acreditam que o que está digitalizado e disponível na rede é o que se tem disponível para consulta, não despertando a curiosidade de acudir a outros documentos”. DE06 disse ter “consciência que digitalizar todo o arquivo é algo muito difícil, ainda hoje”. E alerta para algo substancial: “entendo que estamos fazendo uma seleção dentre todos os documentos de um arquivo e talvez essa seleção não esteja sendo a melhor. É algo como se voltássemos a colocar uma censura nos arquivos”.

Para esse entrevistado, DE06, o próprio pesquisador deixa de ir atrás de outras fontes por pensar que o que conseguiu virtualmente já é o suficiente, o que limita a descoberta de novos elementos, novos fatos, novas percepções. O entrevistado buscou ilustrar sua consideração com um fato espanhol interessante: “há um livro na Espanha muito polêmico sobre as eleições de 1936. Os historiadores, em uma entrevista, afirmaram que tiveram acesso a alguns documentos do Arquivo Histórico Nacional”. No entanto, tais documentos, como teria sido comprovado posteriormente à entrevista citada pelo entrevistado, não haviam sido acessados durante vários anos.

Diferentemente de todos os entrevistados, AB06 declarou:

Quando se está fazendo uma pesquisa mais por assunto, se o documento que preciso está disponível na Internet, não preciso ir até o local para analisar. O nosso comportamento, quando estamos diante do computador, é diferente de quando estamos no local e acredito, então, que depende muito da qualidade dessa pesquisa. O envolvimento com o objeto, debruçar-se sobre o objeto, creio que é uma questão muito relativa [...]. Consigo enxergar acervos totalmente digitais, retirando a não necessidade [de se ir ao arquivo presencialmente] (AB06).

Para AB06 tal fato, como por ele citado, “é totalmente possível”, porque a maneira de encarar um documento muda muito a partir do contato com o virtual, e uma gestão documental bem realizada permitiria outras maneiras de pesquisar. Pensando adiante, a partir da perspectiva atual, o entrevistado afirma que, “hoje, ter contato pode ser importante, mas pode ser que lá no futuro, não.

---

<sup>4</sup> Licenciado em História Moderna e Contemporânea, com doutorado em Ciências da Documentação.

Estamos em uma fase de transição. É mais uma mudança de cultura, uma maneira diferente de encarar o documento desde a fase de produção até a fase de consulta”. Assim, frisamos nossa discordância em relação à opinião do entrevistado AB06, a partir do ponto de vista que estamos defendendo em nosso trabalho, que é o da importância do contato com o documento físico para determinados tipos de pesquisas históricas. Embora seja também importante lembrar que brevemente todos os documentos serão nato-digitais. Mas, neste caso, a originalidade destes acervos estará na consulta aos metadados desses documentos.

O entrevistado AB06 defendeu ainda, enfaticamente, que a partir do momento que se possibilita uma maior independência para o usuário acessar a documentação demandada, não importando o seu propósito, poderá reduzir-se, por exemplo, o quadro de funcionários que trabalha no atendimento. Mas, alerta, que a qualidade dessa possibilidade estará condicionada a bons profissionais por trás da organização dos acervos virtuais. Note-se, mais uma vez, as novas tecnologias deslocando mão de obra especializada, neste caso, afetando a administração das instituições arquivísticas e seus orçamentos.

Prontamente AB07 exclamou: “Essa é uma questão fantástica! [...] Os arquivos aqui de Minas Gerais, por exemplo, sempre digo, não são apenas para os historiadores, é para todo mundo”. Em sua opinião, os arquivistas devem usar seu papel de descritores de forma a atrair o usuário ao arquivo, principalmente pela disponibilidade documental virtualizada. Seria fazer disso uma via de mão dupla, desenvolvendo, dentro do arquivo, atrativos para aproximar o usuário. Além disso, citou como exemplos a educação patrimonial, visitas guiadas, relacionar documentos com o cotidiano das pessoas, criar determinadas situações para que os alunos estejam presentes no arquivo.

O Arquivo Público Mineiro (APM), por exemplo, recebe documentos de diversas secretarias, como a de Educação e a de Saúde. Encontram-se, dessa maneira, variados tipos de documentos que se relacionam a Biologia, Física, Matemática, Medicina etc. O entrevistado AB07 complementou suas proposições: “geralmente, não criamos mecanismos de retorno da população. É possível, por exemplo, ensinar Português dentro de um arquivo, utilizando documentos antigos, analisando a escrita, as palavras [...] tem como ensinar, também, Geografia” (AB07).

#### **4 A IMPORTÂNCIA DE SE ESTAR PRESENTE NOS ARQUIVOS: CONSIDERAÇÕES DOS HISTORIADORES BRASILEIROS E ESPANHÓIS**

Para HB01, da mesma forma como entendemos, dependerá do tipo de pesquisa, do tipo de demanda do historiador e do tipo de objeto a ser pesquisado: “onde se quer chegar e o que se quer fazer”. HB02 entende ser fundamental, principalmente, quando se está na graduação ou no mestrado. Pressupõe que deve haver contato com a materialidade, poder entender como é organizado um arquivo. É importante conhecer os desafios, as decisões que os arquivistas tiveram

de tomar, a forma do arranjo. Citando sua experiência com o Arquivo Público Mineiro (APM), contou que a organização, às vezes, acontece de forma arbitrária, pela própria impossibilidade de se seguir os princípios arquivísticos, uma vez que não tenha sido possível recuperar todas as informações necessárias sobre um acervo.

Porém, HE04 sinaliza um movimento contrário a esse entendimento. O entrevistado espanhol declarou que uma parte do seu trabalho em sala de aula era mandar seus alunos irem, ou acompanhá-los, diretamente aos arquivos. No entanto, agora, esse hábito se tornou menos frequente: “entendo que não precisa ser obrigatório”. Apesar de HE04 entender que é necessário ir ao arquivo quando se necessita ter contato direto com o documento original e com sua materialidade, “para um exame mais profundo”, também considera que se o documento está disponibilizado virtualmente, este pode atender às necessidades de pesquisa de alguns, suficientemente, aproximando-se, nesse caso, das considerações feitas pelo entrevistado HE01.

Para o último entrevistado citado, HE01, “se você tem a sua disposição as informações dos arquivos via Internet, no meu caso, apenas não estando as fontes que necessito disponíveis virtualmente, necessitaria ir ao arquivo. Se todas as fontes estão digitalizadas, não necessitarei ir até o arquivo”. É importante informar, neste momento, que uma das preocupações da nossa pesquisa estava no entendimento de que os acervos disponíveis via Internet sejam considerados como o acervo total de um arquivo. Ficou claro que as instituições de arquivo que disponibilizam parte de seus acervos *on-line*, geralmente, não conseguiram alcançar ainda mais do que algo em torno dos 10%, sendo que muitos não passam de 5% ou menos.

Já HB04, tendo noção dessa pequena porcentagem disponibilizada, considera ser necessário ir aos arquivos físicos quando uma documentação não está disponível na Internet, pois, de acordo com sua declaração, essa situação ainda é muito comum, apesar da “avalanche” de documentos disponíveis virtualmente. De acordo com as declarações de HB04 seria até possível, no caso de se estar trabalhando com material impresso como fonte, mas seria necessário que grande parte do acervo, realmente, estivesse disponível na Internet. Ainda, dependendo do refinamento da abordagem empregada, não será possível trabalhar sem ter contato com os documentos originais.

HB03 disse que certamente é importante ir aos arquivos, pois podem existir momentos em que será necessário confrontar aquilo que se está observando no meio eletrônico com o original. Provavelmente, pode não acontecer muito, mas não indo ao arquivo perde-se o contato com o estado de armazenamento, a conservação que está garantindo a sobrevivência ou até a não sobrevivência do documento. Ainda, exclamou esse entrevistado, em tom de problematização, “como é que os indivíduos, em geral, pesquisadores, educadores e etc., apoiarão uma instituição com a qual não têm contato?”. HB03 aponta que é importante saber, por exemplo: “o que estou pesquisando está guardado ao lado do quê? Qual é o contexto arquivístico e histórico de

reprodução?”. Questões que poderão ser melhor apreendidas observando-as no local de guarda.

Uma das grandes preocupações de HB04 é com o imediatismo da informação nos dias atuais. O entrevistado relatou que percebe “na sala de aula alunos que pensam não precisar ter uma biblioteca, que não precisam ler. É raro aquele aluno que percebe que há um segundo momento em sua formação, que ele tem de ir além”. Assim, esse imediatismo pode vir a interferir no esvaziamento dos arquivos por parte dos pesquisadores adeptos às soluções mais fáceis, restringindo-se apenas às fontes de informação mais facilmente disponíveis.

As preocupações do entrevistado HB04 se alinham à concepção da nossa pesquisa, no que tange ao nosso entendimento de que tal distância pode levar à construção de relatos históricos restritos ou baseados em aportes documentais comuns, principalmente, sobre o montante que foi virtualizado. Esse fato deixaria os documentos não digitalizados em segundo plano e até esquecidos dentro dos arquivos físicos. A ponderação realizada por Lopez (2002), apesar de passados 16 anos, aproxima-se sobremaneira do que constatamos e argumentamos em nossa pesquisa:

Infelizmente, é muito comum encontrar instituições que direcionam grandes esforços para a classificação e descrição detalhada de determinadas séries ou coleções, relegando a um segundo plano o restante de seu acervo. É importante lembrar que a importância (histórica, artística, estética etc.) atribuída a determinados documentos é sempre embasada em critérios alheios às atividades do arquivo (LOPEZ, 2002, p. 36).

Também nos ajuda a considerar esse fator, uma pesquisa realizada em seis países pela *On-line Computer Library Center* (OCLC, 2006), a respeito dos alunos dos primeiros ciclos universitários:

- a) 89% deles iniciam uma busca de informações por meio de um motor de busca.
- b) 93% estão satisfeitos, ou muito satisfeitos, com a sua utilização dos motores de busca.
- c) Os motores combinam melhor com seus estilos de vida do que a pesquisa física ou até mesmo quando realizadas nas bibliotecas digitais.

Alguns itens são baixados, mas não há nenhuma evidência de leitura. Concluiu-se que usuários da Internet passam a maior parte do tempo procurando um caminho, muito mais do que olhando o que encontraram.

HB05 entende que “precisa, sim, esse contato com a materialidade do documento, é importante para a pesquisa”. E descreve sua experiência, na qual se não manuseasse os documentos, não fosse até os arquivos e bibliotecas como no caso da Biblioteca Nacional da França, não conseguiria entender bem o seu objeto e muitas perguntas ficariam sem respostas. O entrevistado considerou que “progressivamente, será menos necessário ir ao arquivo, o que não é ruim. Mas, se o arquivo ajuda a enriquecer a pesquisa, será imprescindível que se vá até ele”. HB05 considera que os alunos de mestrado ou doutorado se deslocam menos aos arquivos, porque temos muita documentação virtual disponível remotamente. Mas não existe ainda nem mesmo uma transcrição documental de muitos acervos, apesar de existirem variados bancos de dados com os quais os pós-

graduandos costumam trabalhar quantitativamente.

Chamo muito a atenção dos meus orientandos sobre isto: não confunda os dados com informações que vocês precisam saber. Na sua tese nós vamos exigir que você crie, não basta apresentar dados de bancos riquíssimos e não basta usar de forma correta os instrumentos que lhe permitam a leitura desses dados, você tem de ir além. Você tem de criar uma compreensão autoral disso tudo, e às vezes a presença documental é que estimulará isso (HB05).

Para HB05, nesse sentido, a não ida ao arquivo estaria empobrecendo o exercício problematizador do historiador e o exercício criativo da compreensão final de uma realidade que se quer compreender. A materialidade, observada pela presença documental, “como o tipo de papel e o tipo de letra são problematizações estimuladas diante da sua vista”.

HB06 entende ser necessário ter contato material com o documento para se obter uma dimensão do conjunto documental: “faz parte da pesquisa do historiador ter este contato mais material com a documentação. É muito bom, é ótimo que a gente tenha essa disponibilização do material, você pode necessitar dele em algum momento específico”. O entrevistado considera que fazer restrição, visando à preservação e integridade do documento é ótimo, pois ele será preservado por mais gerações. Mas, para o historiador, em pesquisas que precisam lidar com o aspecto material do documento, restringir o acesso físico representa um impedimento ao trabalho: “assim, é necessário poder conciliar as duas coisas”.

O entendimento de HE02 é que ir ao arquivo físico é imprescindível após, por meio do acesso virtual, ter selecionado o material que lhe interessa analisar, valendo-se, assim, de uma das grandes vantagens oferecidas pela digitalização. É importante verificar as reproduções de um mesmo documento que apareça em contextos distintos: “fotografias, entender a sua série, suas dimensões, o material utilizado [...] Se deixarmos de ir aos arquivos estaríamos os abandonando ‘*a sú própria suerte*’, o que levaria ao descarte de pessoal qualificado e uma descaracterização do seu papel”. E, similares ao entendimento de HE02, além do tipo documental citado, são as considerações de HE05, que utiliza muito os documentos fotográficos:

Também uso muito documentos de hemeroteca, como periódicos e revistas, sendo que muitos desses documentos estão digitalizados. Mas prefiro utilizar os documentos originais, porque penso que muitas informações perco se consultar os mesmos documentos por meio da tela de um computador [...] Assim, em relação ao digital, muitas vezes me interessa como fonte de informação a versão virtual, mas como um elemento a se estudar e analisar e obter diversas conclusões, extrairemos é do contato com o original (HE05).

HE05 acredita que “sempre se tem de ir ao arquivo físico, sempre. Para consultá-lo, para conhecê-lo”. O entrevistado fundamentou sua afirmação declarando que, mesmo que existam todas as referências disponibilizadas na Internet, o melhor é ter contato com o documento e com o arquivo físicos para conhecer a instituição que custodia e conserva tal documentação: “isto é fundamental e um pesquisador não pode fazer trabalhos de investigação apenas pela rede. É como uma biblioteca, é necessário ir à biblioteca”.

Pensando um pouco diferente, HE03 defende que sobre ir ou não ao arquivo físico, uma vez que se existam acervos *on-line*, “cada investigador deve seguir a sua intuição [...] Entendo que é possível que em alguns casos se possa ler os documentos apenas via Internet”. Mas o historiador espanhol ponderou que haverá documentos aos quais o historiador precisará ir, o que dependerá um pouco do que se está buscando e “*cual la relación de amor que el investigador tenga con la documentación*”. Assim, mesmo declarando que alguns documentos necessitam ser vistos, “se aproximar deles, ver o que me transmitirá a partir do contato”, também defende que esse contato tem de estar dentro da liberdade de trabalho de cada historiador e de suas formas de percepção de cada contexto.

Em suma, o entendimento das discussões trazidas a corpo na configuração da presente pesquisa está buscando demonstrar que, para os casos de pesquisas que estabelecem seu foco no conteúdo textual do documento de arquivo, existindo essa fonte digitalizada de forma a permitir contato efetivo com o conteúdo textual, será claramente possível realizar uma pesquisa remotamente. De tal modo, compreendemos que algumas pesquisas carecerão de visitas ao arquivo e outras, não. Mas o contato com a materialidade do documento é capaz de promover novos olhares para o pesquisador, permitindo ampliações em suas predefinições iniciais. Por exemplo, ter contato com um dossiê completo pode levar o pesquisador a conhecer novos documentos que dilatarão suas percepções e seus questionamentos.

Tal problema, porém, é atenuado em algumas ferramentas de busca. No caso do Arquivo Nacional Torre do Tombo, por exemplo, o retorno da busca indica a relação orgânica do documento, ou seja, sua relação hierárquica nas subséries, séries e fundo a que está vinculado. No exemplo a seguir, o “maço” equivale a um nível superior em que a apelação de Porcina Maria está inserida e reúne os demais documentos relacionados a essa apelação (Figuras 01 e 02).

Figura 1 - Relação orgânica, apelação crime

The screenshot shows the website interface for the Arquivo Nacional Torre do Tombo. At the top, there are navigation links: PESQUISA SIMPLES, PESQUISA AVANÇADA, DESTAQUES, SERVIÇOS EM-LINHA, and AJUDA. On the right, there is a language selection menu with 'Entrar' and flags for Portuguese, Spanish, and English. The main content area displays search results for 'APELAÇÃO CRIME EM QUE É APELANTE A JUSTIÇA E APELADA PORCINA MARIA'. The results include:

- CCPP Conservatória Geral da Companhia de Pernambuco e Para**
- 0002 Maço 2 1764-12-22/1781-07-16**
- 00001 Apelação crime em que é apelante a Justiça e apel**

The detailed view of the selected result shows:

- NÍVEL DE DESCRIÇÃO**: Documento composto
- CÓDIGO DE REFERÊNCIA**: PT/TT/CCPP/0002/00001
- TIPO DE TÍTULO**: Atribuído
- DATAS DE PRODUÇÃO**: 1775-05-30 a 1777-01-24
- DIMENSÃO E SUPORTE**: 59 f.; papel
- ÂMBITO E CONTEÚDO**: Réu:

On the right side, there is a 'REPRESENTAÇÃO DIGITAL' section with a thumbnail of a document and a 'VISUALIZAR' button. Below that, the 'SERVIÇOS DISPONÍVEIS' section lists 'Pedido de reprodução' and 'Pedido antecipado de consulta'.

Fonte: Print da página do Arquivo Nacional Torre do Tombo (2017)

Figura 2 - Relação orgânica, maço 2

The screenshot shows the website interface for the Arquivo Nacional Torre do Tombo. At the top, there are navigation links: PESQUISA SIMPLES, PESQUISA AVANÇADA, DESTAQUES, SERVIÇOS EM-LINHA, AJUDA, and Entrar. The main content area is divided into three columns. The left column lists search results for 'MAÇO 2' with various document numbers and descriptions. The middle column provides detailed information for 'MAÇO 2', including its description, reference code (PT/TT/CGPP/0002), title type (Attribuído), production dates (1764-12-22 to 1781-07-16), dimensions and support (8 doc.; papel), and current status (Feitos Findos). The right column lists available services: Pedido de reprodução and Pedido antecipado de consulta.

Fonte: Print da página do Arquivo Nacional Torre do Tombo (2017)

O mesmo, porém, não ocorre em outras ferramentas de busca, como no caso do Sistema Integrado de Acesso do Arquivo Público Mineiro (SIAAPM). Nesse caso, recupera-se apenas o item documental e o fundo em que ele está inserido. Nada é possível saber sobre a proveniência interna do documento (ou seja, a qual setor administrativo ou função se vinculava) ou então a relação que estabelece com outros itens documentais do mesmo fundo.

Outro fato importante que estamos considerando, para empreender a defesa da presença dos pesquisadores nos arquivos – sem por isso colocar de lado todas as benesses que constatamos, na tese, decorrer da existência dos acervos digitalizados – é o elemento fundamental que existe na mediação entre o profissional de arquivo, o qual conhece a ampla gama de documentos sobre os mais variados temas, e o historiador. Desse modo, quando o pesquisador vai até o arquivo, terá no arquivista – ou no profissional que desempenha essa função – um interlocutor privilegiado. O funcionário de arquivo geralmente conhece a evolução da estrutura administrativa de um órgão, por exemplo, e poderá indicar outro órgão que já exerceu aquela função.

O não contato com os documentos originais presencial e fisicamente, em alguns momentos, impedirá que algumas narrativas históricas sejam documentadas. Hipoteticamente, decretando-se o não contato com a materialidade de determinados documentos, pelo fato de estarem disponíveis virtualmente, leva-nos a entender que tal situação acarretará em uma limitação, ou até impedimento, para determinados tipos de pesquisas históricas. Com isso, pensa-se apenas em privilegiar a consulta ao conteúdo textual dos documentos<sup>5</sup>.

Por exemplo, observar a iconografia sem ter contato com sua dimensão reduzida, ou a sua ampliação, gera pensamentos diferentes. Uma escultura e sua monumentalidade é fato interveniente

<sup>5</sup> Obviamente, as instituições arquivísticas estão cientes disso, e é corriqueiro acontecerem autorizações para a consulta aos documentos originais, como ocorre nos casos de pesquisas sobre restauração, em que se estuda o suporte dos documentos.

na leitura e análise de uma pesquisa. O contato com a materialidade estimula pensar sobre tais escolhas. A materialidade, na presença física, é estimulante. Alertamos que isso não é demérito nenhum no processo que permite a disponibilização virtual, mas é um fato que, não poder perceber tais dimensões, altera o exame historiográfico.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um fator importante que surgiu no desenrolar do presente estudo, colaborando para nossa defesa em relação à importância do contato direto com o documento original, foi a presença ou não dos pesquisadores nos arquivos. O que queremos dizer aqui é que, diante da virtualização e acesso remoto dos acervos, pode-se sugerir um esvaziamento dos arquivos. Mas também salientamos que tal elemento não busca colocar de lado todas as benesses que constatamos decorrer da existência dos acervos digitalizados.

De forma controversa, os benefícios aferidos com os acervos virtualizados podem impactar em perdas pedagógicas na ausência da experiência de se ir ao arquivo. Pois, o contato presencial com os documentos possibilita entender o processo de origem dos acervos, fundos, séries documentais e a dinâmica da instituição que produziu tal documentação. Uma tática interessante a ser adotada, entendemos ser a de o usuário ter a possibilidade de fazer pesquisas prévias pelo meio virtual, seja no arquivo, seja remotamente, visualizando o que de fato lhe vai interessar. Com isso, poderá ter certeza de que determinado documento, ou conjunto, contemplará o que de fato sua pesquisa demanda, sem manipular documentos que não lhe serão úteis.

Consideramos fundamental que exista a mediação entre o profissional de arquivo, o qual conhece a ampla gama de documentos sobre os mais variados temas, e o pesquisador. Uma vez que, quando o pesquisador vai ao arquivo, encontrará no arquivista ou no profissional que desempenhe a função, um interlocutor privilegiado. O profissional de arquivo, geralmente, conhece a evolução da estrutura administrativa de um organismo, por exemplo, e pode indicar outro que já exerceu tal função, ampliando possibilidades de pesquisa. Há, ainda, outro fator, o de que se cada vez mais as pessoas, de modo geral, deixarem de ir aos arquivos físicos, isso poderá acarretar em menor destino de verbas para tais instituições, em função da redução significativa do fluxo de consultas presenciais.

## REFERÊNCIAS

ALONSO, Vicenta Cortés. Los documentos y su tratamiento archivístico. **Boletín de la ANABAD**, Tomo, v. 31, n. 3, p. 365-381, 1981.

ARQUIVO NACIONAL. **Arquivos e Documentos: Conceitos e Características**. s/d. Disponível em: <<http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/>>. Acesso em: 19 set. 2015.

ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO. **Print da página**. 2017. Disponível em: <<http://antt.dglab.gov.pt/>>. Acesso em: 2017.

BRASIL. Lei n. 8.159 de 8 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 9 jan. 1991.

FITZSIMMONS, James A.; FITZSIMMONS, Mona J. **Administração de serviços: operações, estratégia e tecnologia de informação**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

JARDIM, J. M. O inferno das boas atenções: legislação e políticas arquivísticas. In: MATTAR, E (Org.). **Acesso à Informação e Políticas de Arquivos**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

JOHNS, Nick. What is this thing called service? **European Journal of Marketing**, London, v. 33, n. 9/10, p. 958-973, 1999.

LOPEZ, André Porto Ancona. **Como descrever documentos de Arquivo: elaboração de instrumentos de pesquisa**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2002.

NICKELS, William G.; WOOD, Mirian Burk. **Marketing: relacionamentos, qualidade, valor**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Salamanca: Nova Enciclopédia, 1998.

SOARES, Ana Paula Alves. **Avaliação da qualidade em serviços de arquivos**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Departamento de Ciência da Informação. Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

#### ***DIGITAL ERA AND ITS IMPACTS: VISIT, OR NOT, THE PUBLIC ARCHIVE?***

**Abstract:** *The present research is the result of an interdisciplinary study that sought to elucidate the impacts found in the process of consultation and organization of the archival document of permanent, digitized. The study processes in Spain, as applied in Brazil, aimed the search for contrasts and approximations in relation to the procedures between the two academic traditions. For exploratory purposes, we gather testimony from archivists, documentalists and historians, Brazilians and Spaniards. The professionals interviewed were intentionally defined. The results obtained allowed us to infer that, in a controversial way, the benefits obtained with the virtualized collections can impact with pedagogical losses in the absence of the experience of going to the archive. The virtualisation of the permanent archives, with their remote availability through the Internet, results in an emptying of the Physical Archives. The option of the historians / researchers to stop going to the physical archives for their research may entail methodological limits to their investigations, as well as a lower destination of funds for such institutions, due to the significant reduction of the flow of in-person consultations.*

**Keywords:** *Historical Research. Archivology. Permanent Archives. Digitization of Collections.*

*Originals recebidos em: 05/4/2018*

*Aceito para publicação em: 27/04/2018*

*Publicado em: 20/10/2018*